

A Objetividade na Reportagem¹

Sílvia Lisboa²

Rafaela Pollacchinni³

Sergio Trentini⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

RESUMO

A reportagem é frequentemente tratada na teoria do jornalismo como um subgênero em que a objetividade, um valor central do discurso jornalístico, não se aplicaria. Neste trabalho, nossa hipótese é que a objetividade está também presente na reportagem tanto como método quanto como justificação. Ao fazer uma reconstrução discursiva mais aprofundada, contextualizada e interpretativa dos fatos e acontecimentos, a reportagem alcança mais verossimilhança com os fatos e acontecimentos tratados.

PALAVRAS-CHAVE: Reportagem; Objetividade; Verdade, Jornalismo.

A reportagem nem sempre fez parte da história do jornalismo. Ainda que alicerçada na estrutura da notícia e vista como uma evolução (Lage, 1993), a reportagem tem outro nível de aprofundamento e surgiu a partir do século 19, na cobertura dos grandes conflitos, como a Guerra Civil americana (Chalaby, 1996). Lage (2009) diferencia a notícia da reportagem no que tange ao seu formato: enquanto a primeira baseia-se na valorização do aspecto mais importante de um fato ou evento (o *lead*), a segunda se assenta em uma narrativa em sequência temporal e requer um planejamento, que começa por uma pauta detalhada em que um assunto recebe tratamento jornalístico. Nosso interesse é compreender como a reportagem pautada por uma busca das causas e impactos de fatos e acontecimentos também dialoga com a objetividade, entendida aqui como um valor que ampara a credibilidade jornalística (Lisboa; Benetti, 2017).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Jornalismo, investigação e liberdade de expressão, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Jornalista. Doutoranda no PPGCOM/UFRGS. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo (Nupejor - UFRGS/CNPq). Bolsista Capes, e-mail: lisboasilvia@gmail.com.

³ Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e graduada em Jornalismo pela mesma instituição. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo (Nupejor - UFRGS/CNPq), e-mail: rafa.pollacchinni@gmail.com.

⁴ Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Integrante do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo (Nupejor - UFRGS/CNPq), e-mail: sergiotrentini@gmail.com

A objetividade no jornalismo traz as marcas epistemológicas do espírito positivista. A herança do positivismo comtiano foi estudada por Medina (2008). Sua preponderância marca uma virada na história do jornalismo a partir do século 19, quando os jornais deixam de ser partidários para se tornarem informativos (Schudson, 2010; Chalaby, 2003). Segundo Medina (2008), a noção do real e a relação objetiva com o real e a busca obsessiva pela precisão dos dados na produção das notícias ou reportagens espelham a força da concepção doutrinária do positivismo. Assim, os dogmas propostos por Auguste Comte restam fixados no jornalismo a partir de elementos como a aposta na objetividade da informação.

Aproximações e distanciamentos da objetividade jornalística

Embora exista uma relativa clareza histórica sobre a consolidação do paradigma da objetividade no jornalismo, não há a mesma facilidade para chegar a um consenso sobre o que significa ser objetivo (Henriques, 2021). Essa dificuldade de encontrar uma definição consensual abre espaço para múltiplas interpretações sobre o conceito, e a adoção de cada perspectiva diferente resulta em consequências para a prática jornalística e para a qualidade do produto que se entrega, como aponta Henriques (2021).

Se entendermos a objetividade jornalística como adequação à realidade, em que é necessário fazer a correlação entre a realidade midiática e a realidade social (Sponholz, 2009), podemos trazer para a discussão a reportagem. Como um modelo ideal de jornalismo, a reportagem estaria mais próxima do que significa ser objetivo, por tratar com profundidade os temas abordados e, conseqüentemente, aproximar-se mais da realidade dos fatos.

Nela as informações jornalísticas são contextualizadas, apuradas, investigadas e interpretadas, contribuindo para tornar o que é relatado mais fiel aos acontecimentos. Esse tipo de produção resulta em um conteúdo completo, que pode cumprir com as finalidades do jornalismo (Reginato, 2019), sendo capaz de produzir conhecimento para diferentes públicos.

De outro lado, há a objetividade compreendida de uma forma reducionista, como um valor essencialmente racionalista ou um método cartesiano de fazer jornalismo, que ignora a subjetividade e a emoção na apuração dos relatos. Ou, em alguns casos, é confundida com outros conceitos, como o de imparcialidade, neutralidade, facticidade e

relevância. É daí que pode surgir o jornalismo declaratório, fenômeno que se distancia deste conceito balizador da prática cotidiana da profissão. Mesmo que ainda exista uma lacuna na academia acerca da definição do jornalismo declaratório, podemos classificá-lo, de forma geral, como um tipo de produção caracterizado pela elaboração de notícias baseadas exclusivamente em declarações de fontes e por não verificar se o que está sendo dito corresponde, de fato, à realidade (Henriques, 2020b).

Essa prática, enraizada nas redações jornalísticas de todo o país, tornou-se uma realidade muitas vezes difícil de ser contornada, devido às condições e rotinas de produção, às lógicas das redes sociais e às métricas. As métricas, por exemplo, passaram a ser um dos eixos norteadores das redações, influenciando decisões fundamentais do fazer jornalístico: os títulos, o tamanho dos textos, as posições de destaque nos sites, os enfoques das matérias e o que será publicado a partir das preferências da audiência (Hartmann, 2024).

No dia a dia apressado de uma redação, declarações são transformadas em fatos e deixam de ter sua veracidade checada, uma etapa essencial à construção das notícias e reportagens. Henriques (2020a) analisa que ocorre a transcrição exata das declarações das fontes, sem que qualquer contraponto seja apresentado na mesma unidade informativa ou que outra fonte seja inserida no texto. Na maioria das vezes, como explica o autor, contextualizações e problematizações não são incluídas nos relatos, que costumam ser apresentados no noticiário factual de modo direto e sintético.

Há a possibilidade de acontecer, dessa forma, a divulgação de conteúdos que podem levar à desinformação. Nesse sentido, a palavra-chave para a objetividade, quando entendida com relação à procura e à aproximação com a realidade, é investigação (Sponholz, 2009). A falta de investigação influencia na qualidade da informação e gera um desencontro com um dos princípios básicos da profissão: o compromisso com a verdade.

Como ressaltam Kovach e Rosenstiel (2004), o jornalismo se assenta na disciplina da verificação. E essa disciplina, para os autores, é o melhor remédio para evitar o avanço do jornalismo declaratório e fornecer aos cidadãos fundamentos para confiarem nos relatos jornalísticos.

A objetividade como justificação na reportagem

O compromisso com a verdade está, portanto, diretamente relacionado ao valor da objetividade, um dos conceitos mais reiterados na história do jornalismo. Segundo Serrano (1998), uma comunicação objetiva precisa ser também significativa e válida, pois não basta a simples correspondência com os fatos sem a devida contextualização, o que pode acarretar relatos distorcidos da realidade, como o jornalismo declaratório. Por ter um caráter mais efêmero, uma notícia muitas vezes traz recortes de um fato que vai se desvelando enquanto a apuração avança. A premência de dar a informação de forma rápida sobre um fato ou acontecimento muitas vezes se sobrepõe à necessidade de uma apuração mais detalhada. O grau de objetividade a que ela aspira vai se construindo ao longo de uma cobertura, por exemplo. Essa é uma das características dos relatos noticiosos que contrastam com a reportagem, cujo compromisso com a atualidade, que é parte do discurso jornalístico, não se dá pela imediatidade. Pelo contrário, o compromisso da reportagem é com a investigação, a contextualização e a reconstrução detalhada dos fatos e acontecimentos. Por essas razões, este subgênero do discurso jornalístico é mais objetivo porque as informações nele contidas estão mais justificadas ao leitor.

Para consolidar nossa hipótese, é importante aqui destacar que consideramos o jornalismo como conhecimento, conforme o entendimento de Park (2008) e Meditsch (1997). O jornalismo pode ser considerado uma crença verdadeira justificada (Lisboa; Benetti, 2015), que é como a filosofia concebe o conhecimento. Esse entendimento do jornalismo nos leva a entender as três noções que formam o conhecimento do jornalismo: a crença ou a credibilidade do seu relato, a veracidade e a justificação.

Para inspirar a crença naquilo que é narrado, a reportagem se baseia em métodos de apuração que reduzem o risco de erros, como a seleção criteriosa de fontes, a pluralidade de personagens, a checagem em fontes primárias (como documentos, em reportagens investigativas), a edição. Ao narrar os fatos em texto, áudio ou vídeo, o jornalista dá detalhes sobre os fatos, fazendo uma contextualização (o quê, quando, onde, como, por quê), oferecendo provas dos fatos e acontecimentos, demonstrando a autoridade das fontes consultadas, etc.

Essas marcas ou indicadores são parte da “justificação” (ou da investigação, conforme Sponholz) e servem – juntamente com outros aspectos institucionais do veículo e/ou do jornalista – um guia para o público aferir a credibilidade de um relato. Mas não só: serve também como uma aproximação com a verdade, a qual só pode ser alcançada

por níveis, como uma aproximação (Sousa, 2002) como a objetividade. A reportagem sobre um fato nunca será um espelho da realidade, por mais fidedigna que seja, pois isso não é possível do ponto de vista cognitivo. É uma reconstrução discursiva da realidade, de um tema ou assunto (Franciscato, 2005). Da mesma forma que ocorre a verdade, uma reportagem também concretiza o valor da objetividade quanto mais justificada for, isto é, quanto mais cumprir os rituais de apuração que minimizam os erros, oferecem contexto, emoção e densidade aos fatos e acontecimentos narrados.

REFERÊNCIAS

- CHALABY, Jean. O Jornalismo como invenção anglo-americana: comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). **European Journal of Communication**, v. 2, n. 3, 1996. Disponível em: <https://fabricadesites.fcsb.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/n3-03-Jean-Chalaby.pdf>.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. Sergipe: Editora UFS/Oviêdo Teixeira, 2005.
- HARTMANN, Marcel. **Dilemas éticos dos jornalistas brasileiros no jornalismo metrificado**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Porto Alegre: UFRGS, 2024.
- HENRIQUES, Rafael Paes. Entendimentos de objetividade entre os jornalistas brasileiros: o que se pretende ser, quando se quer ser objetivo. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 17, n. 3, 2021.
- HENRIQUES, Rafael Paes. O jornalismo declaratório e a objetividade jornalística. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 18., 2020a. Anais eletrônicos [...].
- HENRIQUES, Rafael Paes. Entendimento sobre objetividade prejudica a investigação jornalística. **A Gazeta**, Espírito Santo, 25 nov. de 2020b. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/artigos/entendimento-sobre-objetividade-prejudica-a-investigacao-jornalistica-1120>>. Acesso em: 06 maio. 2025.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir. Porto: Porto Editora, 2004.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. São Paulo: Record, 2009.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1993.

LISBOA, Sílvia, BENETTI, Marcia. Credibilidade jornalística: uma nova abordagem. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. V. 14, nº 1, Janeiro a junho, 2017.

LISBOA, Sílvia, BENETTI, Marcia. O jornalismo como crença verdadeira justificada. **Brazilian Journalism Research**, n. 11, v. 2, p. 10–29, 2015.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/mediajornalismo/article/viewFile/1084/5273>>.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

REGINATO, Gisele. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SERRANO, Manuel Martin. Analisis metodico de la verdad en la comunicación. **Revista da Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social**, 1998.

SOUSA, Américo de. A retórica da verdade jornalística. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. 2002.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: história, teorias e práticas**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.